

ENTRE O ESTÉTICO E O HEDIONDO: PROCESSOS CRIATIVOS EM FOTOGRAFIA DE PAISAGEM

IGOR VINÍCIUS SOARES ALMEIDA¹; RENATA AZEVEDO REQUIÃO²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – almeida-igor@hotmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Como desenvolvimento de minha poética visual, neste momento estou interessado na elaboração de um mapeamento fotográfico da paisagem urbana. O que apresento aqui é uma breve introdução à minha Pesquisa em Arte, cujo projeto de dissertação, apresentado ao PPG-Artes, previamente intitulado “O sublime capitalista no limiar da paisagem fotográfica”, está vinculado à Linha de Pesquisa em Processos Criativos e Poéticas do Cotidiano, também vinculado ao Grupo de Pesquisa artefatos para leitura e construção do “pequeno território”, e nele ao Projeto de Pesquisa Viagens e lugares: mapas, topologias e linhas de fuga, configurações antropológico-poético-visuais. Desde a graduação sob essa orientação, meu processo criativo agora se demarca pelo enquadramento fotográfico tanto de grandes estruturas e torres para energia elétrica e para comunicação, quanto de estruturas menores como postes e a fiação, bem como por suas suas implicações na dinâmica da paisagem.

Tenho construído essa pesquisa em constante diálogo com a teoria e produção fotográfica do pós guerra, com base no notável interesse de fotógrafos pela objetividade das estruturas das cidades pós-industriais (Safatle, 2007). Meu trabalho se constitui no contexto atual, considerado em suas dinâmicas e processos que se desenrolaram desde a queda do muro de Berlim, com o decreto do “fim da história” (Fukuyama, 1989), com a polêmica afirmação do capitalismo enquanto único e último modo de vida da humanidade, e a consequente consagração do regime neoliberal tomando de assalto todos os aspectos de nossa vida.

Atento a esses processos de transformação das ideologias e doutrinas dominantes, e a como tais transformações se expressam nas cidades, em meu processo criativo, usando a linguagem da fotografia, elaboro um olhar peculiar para as paisagens do capitalismo na pós modernidade, período muito marcado pelo regime de mercado e de consumo, bem como pelo que Safatle nomeia de um “novo paradigma de segurança”, ou seja: pela necessidade de autopreservação das cidades diante do medo e perigo constantes (Safatle, 2023).

Nesta breve reflexão sobre meu processo criativo, estabeleço relações com a produção de arte fotográfica de artistas marcadamente influenciados pela Nova Objetividade Alemã (década de 20). Analiso portanto sobre como a objetividade se encaixa na análise dos meus trabalhos que procuram investigar uma evocação do subjetivo pelo efeito estético e emocional que minhas fotografias provocam no espectador. Também baseado no método do estranhamento, graças aos enquadramentos e intervenções que a lente fotográfica é capaz de emitir sobre a imagem com a minha intervenção. Assim, olhar para estruturas banais da paisagem pensando no quanto elas estão posicionadas numa escala entre o estético e o hediondo.

2. METODOLOGIA

Para a análise construída neste trabalho, trago duas fotografias autorais: de uma série intitulada “Entre o estético e o hediondo”, (figuras 1 e 2), a fim de comparar minhas escolhas especificamente de enquadramento e de composição com uma fotografia de Andreas Gursky (figura 3), e uma de Stephen Shore (figura 4). O diálogo entre as fotografias ilustram aquele que pretendo buscar com meu trabalho.

Na esteira teórica e poética desses artistas, reúno brevemente algumas reflexões de Vladimir Safatle e Hal Foster, sobre a possibilidade de o conceito estético do sublime ser atualizado aos moldes do capitalismo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Meu atual interesse de pesquisa em processos criativos tem selecionado e enquadrado postes de luz e distribuição de energia como forma de explorar uma estética do banal, produzindo pelo enquadramento arbitrário e introduzindo deformações pelo uso de lentes grande angulares, um efeito de estranhamento .

No enquadramento fotográfico da estrutura envolvendo energia elétrica e comunicação, torres, postes, distribuição de energia, a grande estrutura e seus detalhes, fui me deparando com a possibilidade de exploração de uma certa estética talvez não do banal, mas do invisível, daquilo que fica naturalizado como parte de nossa paisagem urbana (e mesmo rural): a assim chamada “infra-estrutura”.

Esse invisível pode ser expresso por um efeito que nos arrebatava diante da grandiosidade e alienação que essas estruturas provocam no indivíduo. Efeito que procuro ainda nomear, mas que identifico estar próximo do conceito de sublime do Kant deslocado do local original da natureza para a cidade capitalista.

Em “Do Sublime Capitalista e das Ruínas” (2023) Vladimir Safatle aborda o trabalho de Andreas Gursky, como um artista referência na versão capitalista do sublime. Gursky é o artista que se destaca na chamada escola de fotografia de Dusseldorf, reconhecida por seu interesse na busca da objetividade, como forma de traduzir um inconsciente coletivo que se expressaria na estrutura da máquina industrial, tecnocientífica, produtivista, e não através do sentimento individual.

Gursky é um artista que fotografa estruturas e espaços carregados pelo excesso da produção em massa, como expressão hegemônica de um mundo pós industrial. Suas fotos parecem organizar uma rede muito bem estruturada de coisas em grades ou geometrias muito bem definidas. Segundo ele próprio, sua obra expressa o seu desejo em manter o controle das coisas, daí a preferência pela definição dessas estruturas.

Gursky vê na organização das estruturas um guia capaz de situá-lo em meio ao excesso, como podemos verificar na figura 3. Não me interessa pelo excesso, talvez por viver o diante do precário e da estrutura provisória em um país emergente, no qual seu desenvolvimento ainda tarda a acontecer. Mas vejo um valor semelhante dessa estrutura na ideia de teia, de microcosmo fechado. Vivemos desde a globalização, e o regime neoliberal na cultura, a homogeneização estrutural de um sistema de produção que mobiliza suas estruturas não para desenvolver países emergentes com um fim em si mesmo, mas sobretudo para aperfeiçoar suas formas de exploração, aprofundando a dependência dos países sempre periféricos. O artista que cria sob tais condições

se vê enquanto vítima desse processo, como alguém que vivencia a cidade, a qual se faz e refaz sob o paradigma do precário, do subdesenvolvimento. É dessa forma que, por exemplo, postes de energia, no mais das vezes instalados sob condições precárias, recebem um excesso de fios que tomam o céu das cidades, marcando profundamente a paisagem urbana. Tal precariedade me fez identificar nestes postes certo status de signo da ideia de teia, de microcosmo fechado que procuro fazer avançar nesta pesquisa.

Creio que tal precariedade seja denunciada pelas linhas tortas e distorcidas que procuro evidenciar, usando as lentes grande angulares de meu smartphone, as quais proporcionam um amplo campo de visão capaz de captar o excesso de coisas constitutivas de uma cidade como Pelotas (Figuras 1 e 2). Esse tipo de lente expande o fundo da imagem ao mesmo tempo em que amplia a perspectiva de tudo que está próximo, o que me permite gerar essas distorções de perspectiva, criando imagens com um aspecto de cidade como que assombrada por estas estruturas de energia.

Tais imagens reforçam a presença dessas estruturas na cidade, gerando um olhar mais incisivo e estético sobre elas. Observando tais imagens fotográficas interessam-me os sentidos provocados no espectador. Estou promovendo um efeito estetizante sobre a cidade urbanizada pós industrial? Através de que elementos? Para mim, quais são as consequências de procurar esse efeito? Estaria reforçando a estética de tais cidades aderindo a um realismo capitalista inelutável?

Em meus trabalhos mais antigos, cujo aspecto político não era tão presente, me interessava o estranhamento que uma imagem bem construída poderia provocar. O estranhamento é o horizonte da arte como um todo, um estranhamento de inspiração talvez brechtiana, como prega o crítico Hal Foster. Assim, vejo que o estranhamento produz o efeito de expandir o olhar e nos fazer sair da ilha para enxergar a ilha em que vivemos, como uma vez disse Saramago. Olhar para as formas, estruturas e redes, que interligam nossa realidade e nos mantêm vivos somente sob estas condições.

A distorção permite desestabilizar nossas imagens do mundo, e evidenciar a proeminência do objeto na paisagem neoliberal. Para além do banal como em Stephen Shore (figura 4), que reproduz o efeito auto-consciente intensificado das aparências, procuro explorar a autoconsciência do desalento e a apatia dessas estruturas intensificando a sua presença pelo meu enquadramento. Distante do glamour da publicidade e da arquitetura fetichizada e artificial, minha fotografia traz a realidade de miséria e penúria, que co-existem no projeto do capitalismo para este século. Busco uma relação dialética entre o estético e o hediondo.



Figura 1 e 2: Igor Soal. Entre o estético e o hediondo. Fotografia digital, 2023. (acervo pessoal)



Figura 3: Andreas Gurky, Les Mées (2016). Figura 4. stephen shore wild st. colonization ave, dryden, ontario, 1974

4. CONCLUSÕES

Esse breve resumo permite esquematizar o início dessa pesquisa que pretende se expandir, a partir da experimentação com fotografia com base na documentação visual de impressões sobre a cidade que tenho acumulado. Diz claramente o que vais fazer!

A história da fotografia permite ampliar meu diálogo poético para esse lugar de importância e contexto na contestação e questionamento do declínio desse sistema de produção. Busco, com a pesquisa poética como um todo, observar como a minha produção reproduz discursos e tensiona com modelos atuais, procurando evitar cair na estetização pela estetização, na mistificação da paisagem capitalista como único horizonte possível.

Por isso o estranhamento enquanto método, estranhar enquanto desvio, como reposicionamento do que já é dado pelo cotidiano. Revelar o invisível tcatatctactacta

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEZERRA, Menezes Renato. **A Escola de Düsseldorf : a fotografia entre memória, documento e arte**. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2019.
- FOSTER, Hal. **O Que Vem Depois da Farsa?** São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- FOSTER, Hal. **O Retorno do Real: A Vanguarda no Fim do Século XX**. São Paulo: Cosac Naify, 2014.
- FUKUYAMA, F. **O fim da História e o último homem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- SANTOS, David. **Fotografia Pictórica (Andreas Gursky)**.
- SAFATLE, Vladimir. **Do sublime capitalista e das Ruínas**. Revista Cult, 2007. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/do-sublime-capitalista-e-das-ruinas/>. Acesso em: 22 de setembro de 2023.
- Stephen Shore, Artnet, 2023. Disponível em: <https://www.artnet.com/artists/stephen-shore/>. Acesso em: 22 de setembro de 2023.